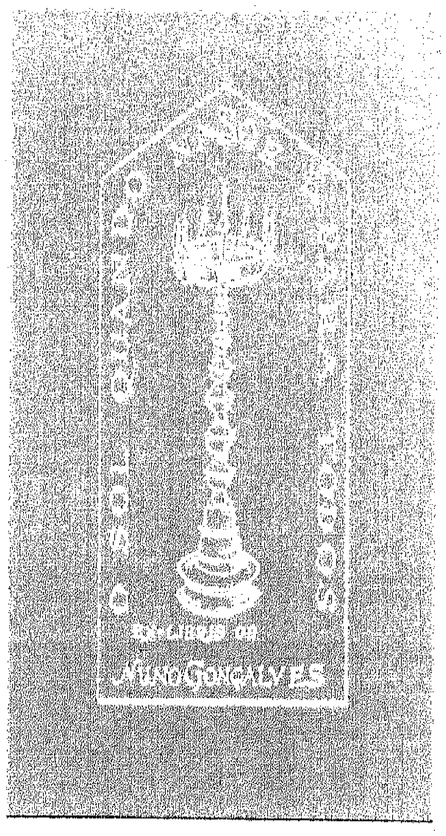


CATÁLOGO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS DE MOÇAMBIQUE

Ao Nino
Com admiração e
amizade
1981

ÍNDICE:

PÁG.

Introdução 3
Bendi 5
Chigovia 6
Chipendane 7
Chiquitsi 8
Chitata 9
Chitende 10
Chivoconvoco 11
Chizambe 12
Gocha 13
M'lapa 14
Makwilo 15
Malimba 16

Masseve 17
Mbila 18
Mpundu 19
Mutoriro 20
Ngulula 21
Nhacatangali 22
Nkangala 23
Nyanga 24
Pankwé 25
Phiane 26
Tambores do Mapico. 27
Tambores do Tufo 28
Tchakare 29
Tsudi 30
Xirupe 31

FICHA TÉCNICA

Coordenação: MARIA DA LUZ TEIXEIRA DUARTE
Desenhos: VALENTIM MACIE
Edição: GABINETE CENTRAL DE ORGANIZAÇÃO DO FESTIVAL DE CANÇÃO E MÚSICA TRADICIONAL
Produção: DIRECÇÃO NACIONAL DE CULTURA — SERVIÇO NACIONAL DE MUSEUS E ANTIGUIDADES
AV. HO CHI MIN, 1233
TELEFONE, 22325
Composto e Impresso: NA TIPOGRAFIA «NOTÍCIAS»
Tiragem: 8 000 EXEMPLARES
Data de Edição: DEZEMBRO DE 1980
Capa: DESENHO DE TAMBOR E MBILA (antiga)
REGISTADO NO INLD
SOB O N.º 0205/INLD/80

INTRODUÇÃO

A música moçambicana possui uma grande riqueza e diversidade até hoje em dia pouco conhecidas. Por um lado, isto deve-se a que, tradicionalmente, grande número de manifestações culturais estavam subordinadas às barreiras étnicas e regionais, a que durante longos séculos o nosso Povo esteve submetido. Por outro lado, o sistema colonial, para além de acentuar essas divisões, sempre votou ao desprezo a cultura moçambicana.

Apesar de alguns estudos elaborados por musicólogos durante o período colonial, a valorização da música nacional só começou a ser feita depois do desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional, porque só então as manifestações artísticas passaram a exprimir a personalidade do Povo Moçambicano, liberto das amarras do tradicionalismo e da opressão colonial.

O desenvolvimento da música moçambicana tem necessariamente de passar por um estudo e reflexão por parte dos próprios artistas e músicos, pois que a transformação e evolução da nossa música, não pode obedecer exclusivamente a padrões musicais ocidentais (adopção de escala

musical, arranjos harmónicos, etc.), na medida em que a aplicação mecânica destes padrões irá destruir, em muitos casos, a sua originalidade e riqueza.

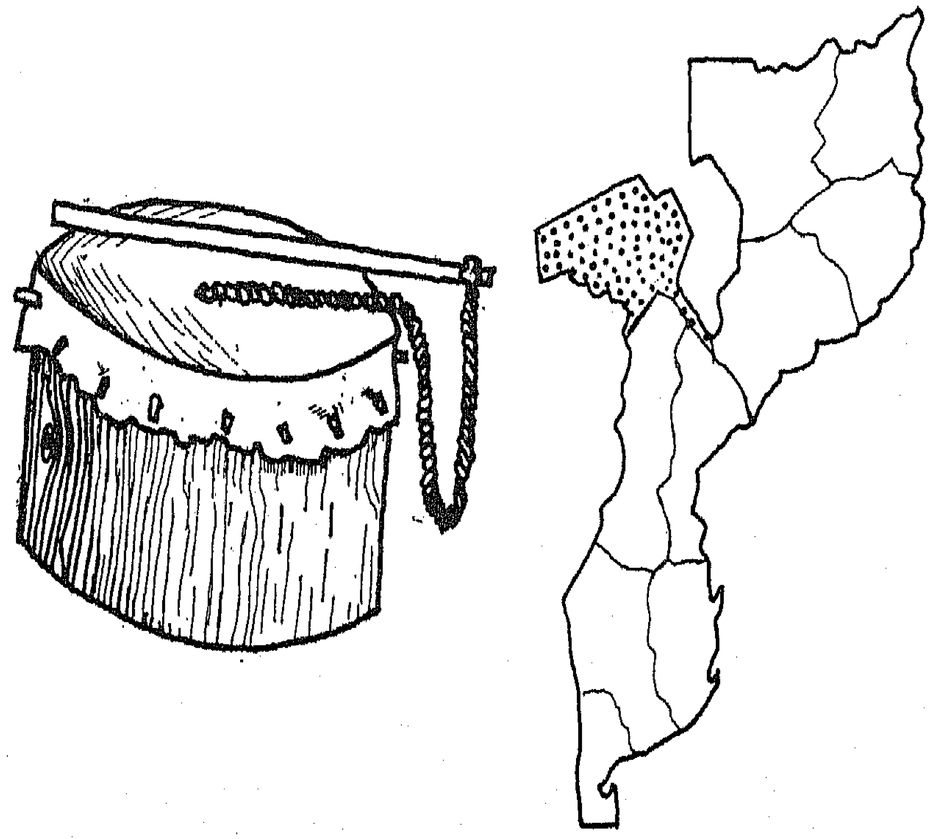
O trabalho que aqui publicamos é parte do resultado do levantamento efectuado por milhares de moçambicanos anónimos, que se engajam na reflexão sobre as suas manifestações culturais, no âmbito da Campanha de Preservação e Valorização Cultural.

Para este catálogo, foram seleccionados cerca de 30 dos principais instrumentos musicais existentes em Moçambique, que se encontram ordenados segundo uma ordem alfabética.

A cada instrumento corresponde um mapa mostrando as regiões do País onde ele é conhecido. Estes dados, porém, não se podem considerar ainda completos ou definitivos, pois mais dados continuam a afluir ao Arquivo Museológico Central, provenientes dos Sectores Provinciais de Preservação e Investigação Cultural.

É em apoio ao Festival de Música e Canção Tradicional, que o Serviço Nacional de Museus e Antiguidades publica esta pequeno catálogo sobre os instrumentos musicais de Moçambique.

BENDI



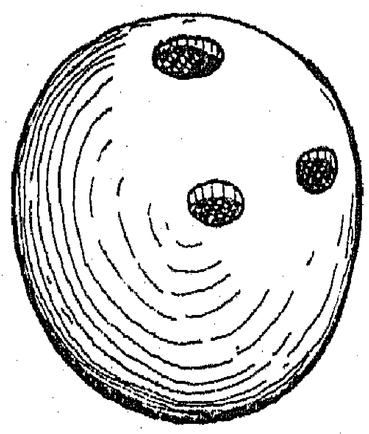
O BENDI ou BABITON é um instrumento cordófono, em que o som é produzido através do dedilhar de uma corda.

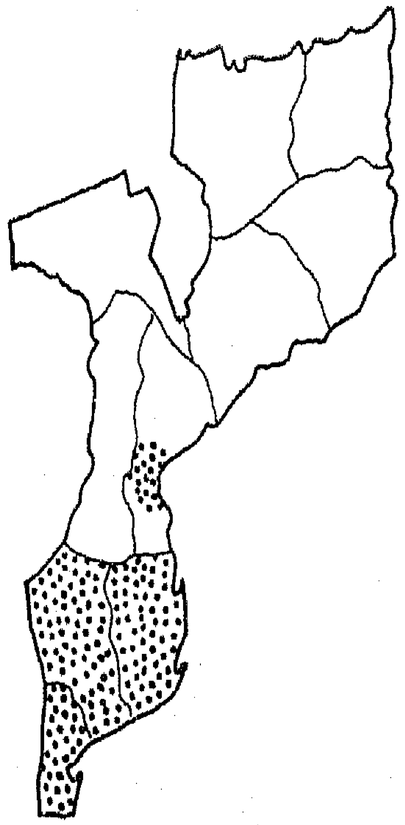
É composto de um tambor de madeira forrado num dos lados com uma membrana de pele de animal, que possui no centro um orifício. Deste orifício parte uma corda que tem na outra extremidade uma vara.

Para tocar, coloca-se a vara sobre o tambor, de modo a esticar a corda, que ao ser dedilhada, produz sons fortes e baixos. O tambor serve portanto de caixa de ressonância.

O Bendi existe em vários distritos da Província de Tete, muito embora hoje em dia se faça também com uma simples caixa de madeira oca, que substitui o tambor.

É utilizado como acompanhamento de outros instrumentos musicais como o banjo, alguns tambores e chocalhos de mão.





Consideramos o CHIGOVIA como fazendo parte do conjunto genérico das flautas, muito embora o seu formato não nos encaminhe logo para esta conclusão. Classificamo-lo desta maneira, porque a técnica de o tocar é a mesma que se utiliza para as flautas. É portanto um instrumento musical aerófono.

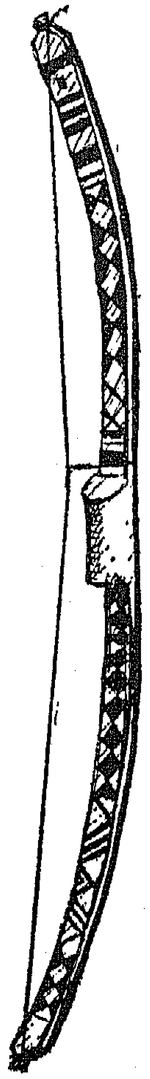
Para tocá-lo, o instrumentista sopra o buraco maior, enquanto que com os dedos vai tapando e destapando os outros dois buracos, para variar o som.

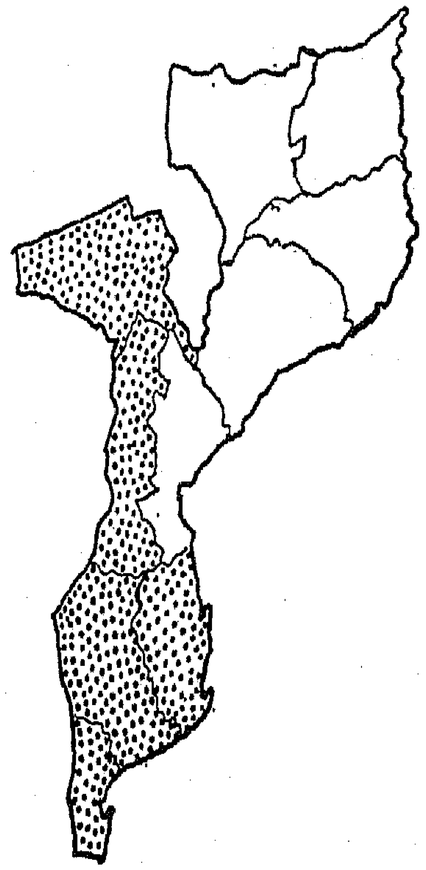
É feito de um fruto redondo, que tanto pode ser massala, macuácua ou mabuma. No entanto, na ausência destes frutos, pode ser feito de barro. O número de orifícios também pode variar, e isto é consoante a habilidade do tocador.

Este instrumento existe em abundância nas Províncias de Maputo, Gaza e Inhambane. Em Maputo pode também ter o nome de CHIBWEWE. Na Província de Sofala existe no distrito do Búzi, com o nome de GORIGO ou GUERURE.

É principalmente utilizado por pastores enquanto encaminham o gado, e também pelas raparigas quando vão à machamba ou ao poço buscar água.

Normalmente é acompanhado de canções e por outros instrumentos iguais.





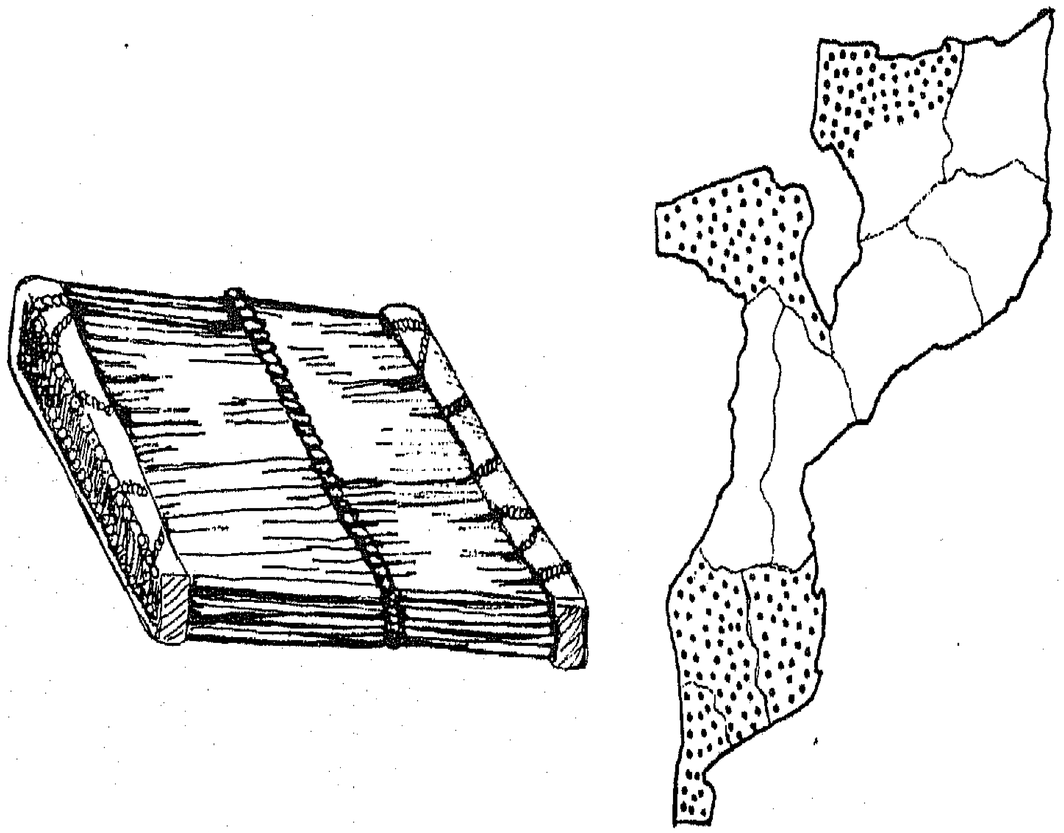
O CHIPENDANE é um arco musical pertencente ao grupo dos instrumentos de corda.

É composto por três partes: o arco de madeira, que possui uma saliência de forma cilíndrica; um fio de arame que está ligado ao meio do arco e uma varinha, que serve para bater no arame.

O pequeno fio que une a corda maior ao centro do arco, pode ser afastado mais para a esquerda ou para a direita, variando assim o som. Ao tocar, o músico coloca a boca sobre o arco, segurando a madeira entre os dentes, para fazer de caixa de ressonância.

O CHIPENDANE existe no nosso País, nas Províncias de Tete, Manica, Inhambane, Gaza e Maputo. É normalmente tocado por homens de todas as idades, como forma de entretenimento, servindo muitas vezes de companheiro das longas marchas.

CHIQUITSI



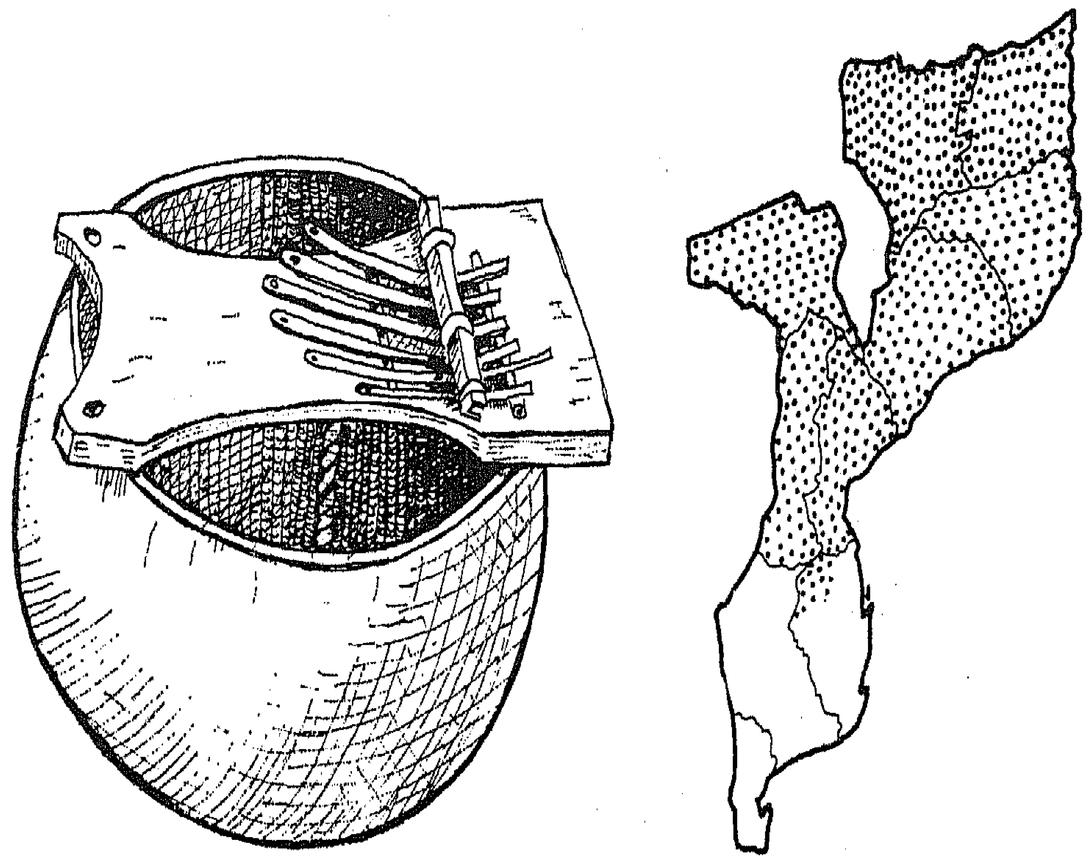
O CHIQUITSI pertence à categoria dos instrumentos idiófonos, do tipo chocalhos de mão.

É feito de caniço fino ou de palha de uma planta chamada Txlhongue, entrançada como se fosse uma esteira e cujas pontas são unidas por corda, formando uma caixa oca. Dentro colocam-se sementes ou pedrinhas. Para tocar, pega-se o instrumento com ambas as mãos e agita-se.

É normalmente tocado por mulheres, acompanhando canções, nomeadamente em cerimónias de casamento.

O Chiquitsi é bastante vulgar nas Províncias do Sul de Moçambique (Maputo, Gaza e Inhambane). No entanto, também podemos encontrá-lo na Província do Niassa e em vários distritos da Província de Tete, onde toma o nome de KAEMBE.

CHITATA



A CHITATA é um tipo de piano de mão, que faz parte dos instrumentos idiófonos afinados.

É constituído por uma tábua de madeira ou cavalete, na qual estão fixadas várias palhetas de ferro através de um ou mais travessões metálicos.

O cavalete é colocado sobre ou dentro de uma cabaça, que serve de caixa de ressonância. O tocador, metendo as mãos dentro da cabaça, utiliza os dois polegares e o indicador da mão direita para dedilhar as palhetas. Também se podem pôr na cabaça chocalhos ou tampinhas para produzir mais sons.

Podemos encontrar este instrumento espalhado por todo o Centro e Norte do País, com algumas variações tanto no nome como na forma.

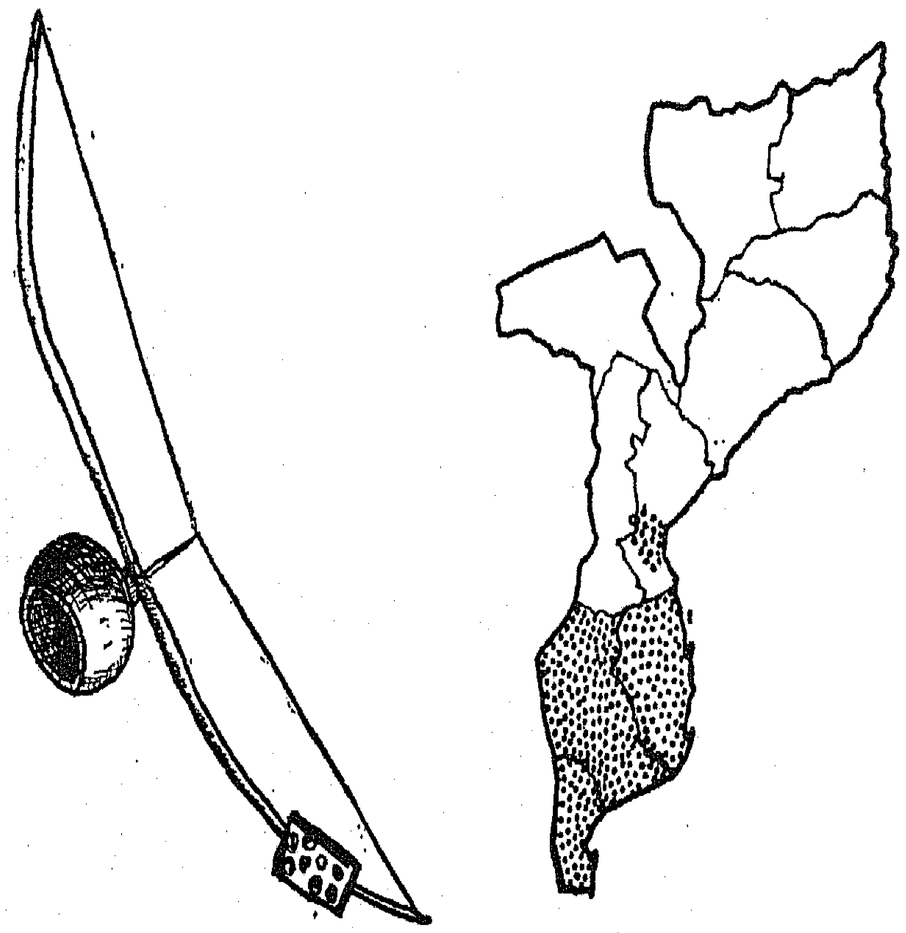
Em Cabo Delgado, Nampula e Niassa, entre os macuas, é vulgar o uso da chitata. Na Província da Zambézia, este instrumento toma o nome de CASSASSE.

Em Tete, a chitata é conhecida por SANSI. Existe também a KALIMBA, em que a boca da cabaça é coberta por uma pele de animal.

Nas províncias de Manica e de Sofala existe a MBIRA e em Inhambane na localidade de Mabote, a MALIMBA.

A chitata acompanha normalmente canções.

CHITENDE



O CHITENDE é um instrumento cordófono do tipo arco musical. O seu tamanho é muito variável, podendo atingir os 2 metros de altura.

As duas pontas do arco estão unidas por um fio de arame que está ligado ao centro do arco por um arame pequeno, ficando assim o fio dividido em duas partes.

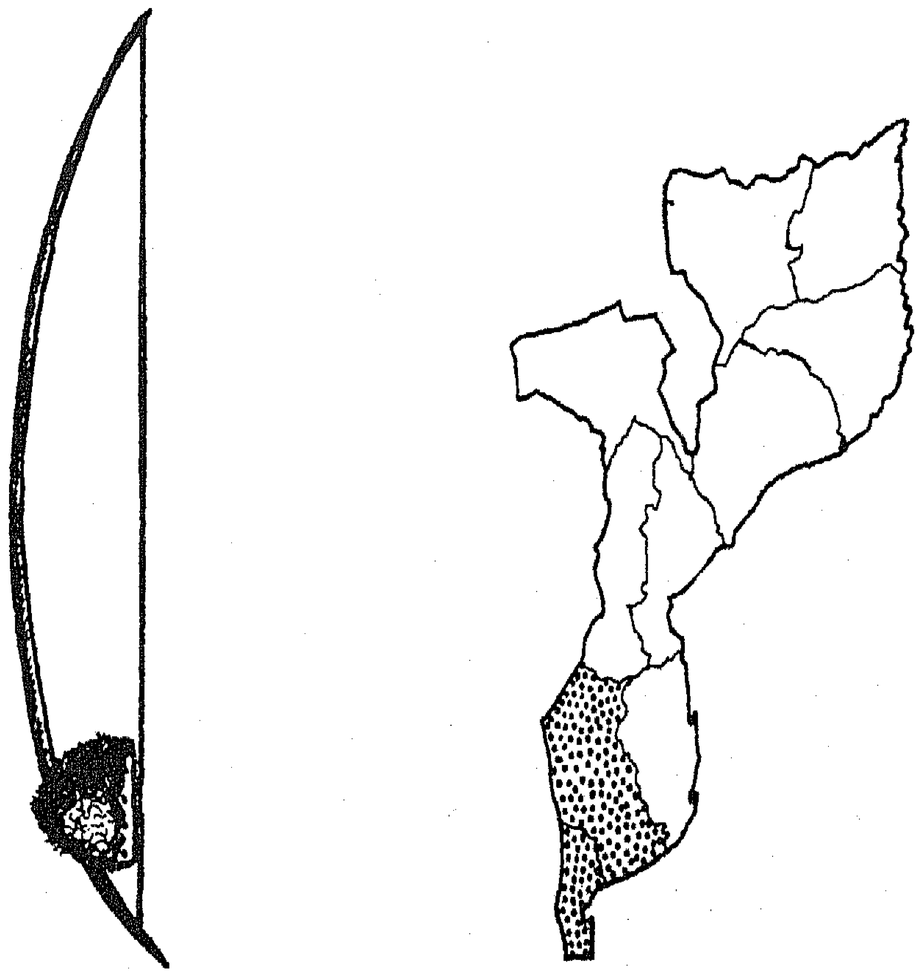
A caixa de ressonância é composta por uma cabaça, com a abertura virada para o exterior.

Para tocar, o músico pega no instrumento, encostando a abertura da cabaça ao peito, num movimento de vaivém, ao mesmo tempo que com os dedos de uma das mãos faz pressão sobre o fio e com a outra mão, segura uma palheta que serve para percutir o arame.

Este instrumento está espalhado por toda a região a Sul do Rio Save, com o nome de CHITENDE ou CHIQUEANE. Na Província de Sofala, no distrito do Búzi, também existe e é conhecido por N'THUNDOA ou CHIMATENDE.

O CHITENDE é normalmente acompanhado pela voz do próprio tocador que interpreta lindas canções.

CHIVOCONVOCO

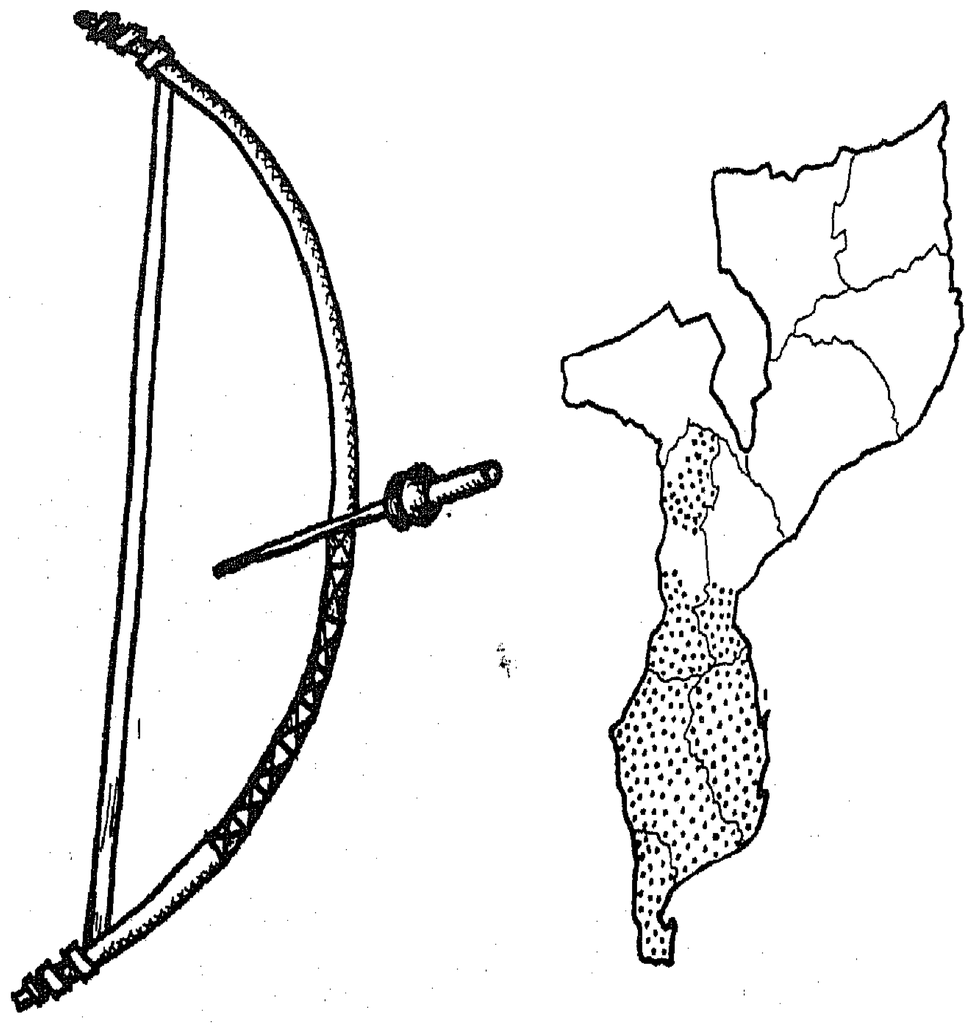


CHIVOCONVOCO é um instrumento cordófono, pertencente ao grupo dos arcos musicais.

É constituído por um arco de madeira e uma corda. O pau do arco atravessa uma cabaça ou casca de coco, cuja abertura é tapada por uma membrana feita de pele de animal. O fio que une as pontas do arco passa por cima da cabaça, que funciona como caixa de ressonância. Numa das mãos, o tocador segura um pau afiado, com que bate na corda.

Embora não seja já muito utilizado, o Chivoconvoco existe em quase todos os distritos das Províncias de Gaza e Maputo. Antigamente era apenas tocado por homens, com o objectivo de se fazerem amar por uma mulher.

CHIZAMBE



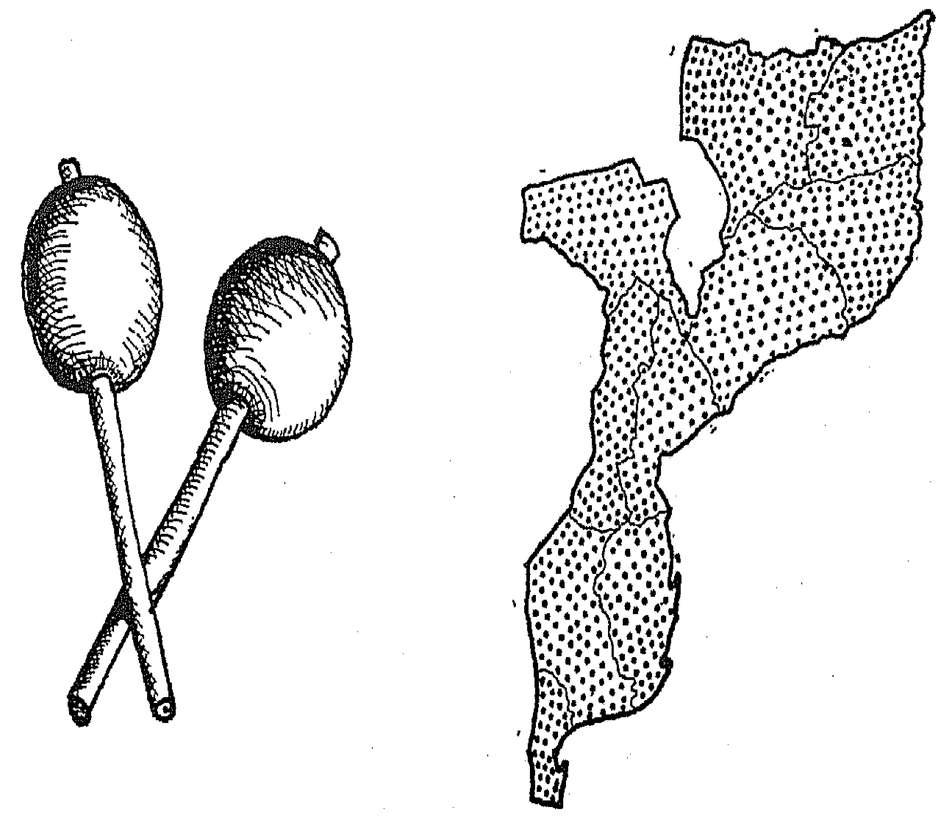
O CHIZAMBE é um arco musical, que se distingue dos outros pelo facto de o som ser produzido por fricção de uma varinha sobre as incisões gravadas no arco de madeira. Este som é auxiliado pelos chocalhos postos na varinha e pela boca do próprio tocador que, colocada sobre a corda, serve de caixa de ressonância.

Esta corda é feita de folha de palmeira amarrada nas pontas do arco, de modo a ficar bem esticada.

Este tipo de arco musical existe nas províncias de Maputo e Gaza com o nome de CHIZAMBE ou CHIZAMBIZA. Em Inhambane chama-se CHIVELANE. Em Manica e Sofala é conhecido por CHIMAZAMBE, NHACAZAMBE ou NHACAZEZE.

O CHIZAMBE é principalmente utilizado por pastores, como forma de aliviar a sua solidão.

GOCHA



GOCHA é um instrumento idiófono, do tipo chocalhos de mão.

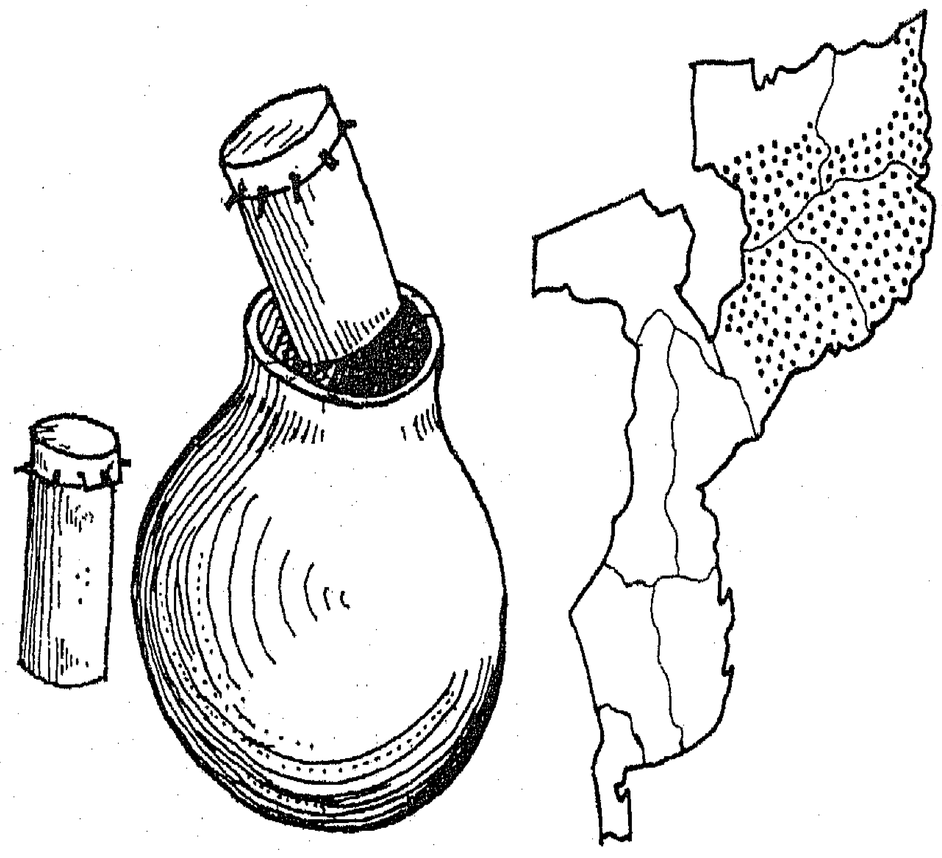
A sua técnica de fabrico é bastante simples. É constituído por um pau curto, que atravessa uma massala ou outro fruto oco, dentro do qual se introduzem sementes ou pedrinhas. O tocador segura o instrumento pelo cabo e agita-o. Normalmente são utilizados dois Gochas (ou magocha) ao mesmo tempo, um em cada mão.

Servindo como acompanhamento rítmico, faz parte do conjunto de instrumentos musicais que acompanham muitas e variadas danças em todo País.

Para além desta função, era também utilizado antigamente pelos feiticeiros, para «expulsar os espíritos maus» das mentes dos seus doentes.

O seu nome varia de região para região: na Zambézia chama-se SEKERE ou MUKOTCHO; em Tete, NKOTCHO; no Niassa, MIHEA; em Maputo e Gaza, GOCHA; e em Inhambane, NZELA.

Hoje em dia, qualquer lata pequena de um produto alimentar, serve para fabricar este instrumento.

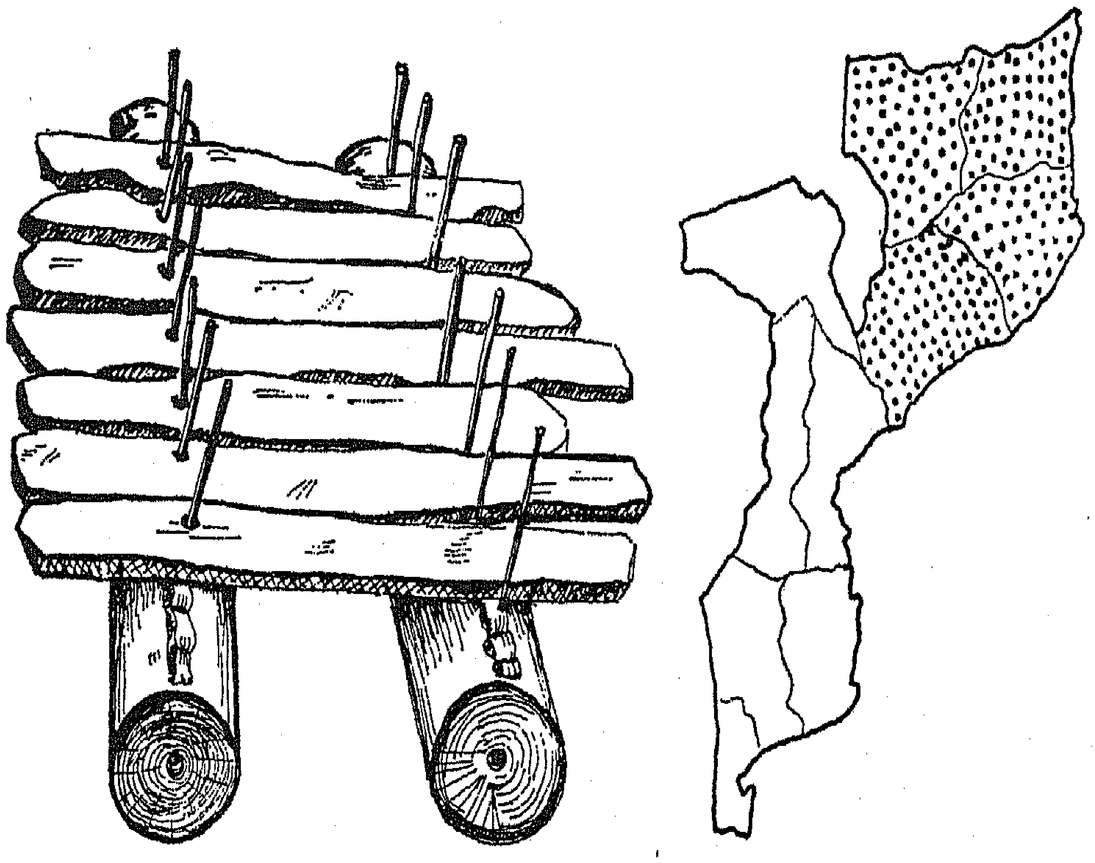


M'LAPA é um instrumento de tipo membranófono, que requer uma habilidade especial para ser tocado.

Este tambor tem portanto uma característica que o distingue dos outros. É o facto de ser tocado com o auxílio de uma grande panela de barro, que lhe serve de segunda caixa de ressonância. Para além disso é tocado simultâneamente com outro tambor chamado MPETHENI.

O M'LAPA é um tambor relativamente pequeno, com uma membrana de pele de Piton (aspécie de gibóia) humedecida, o que faz com que produza um som bastante baixo. O tocador segura-o entre os joelhos e toca-o com as mãos ao mesmo tempo que, com movimentos rápidos das pernas, o enfia e tira da boca da panela. Amarrado a uma das pernas, tem outro Mpetheni, que toca simultâniamente. Se o tocador for bastante habilidoso, pode tocar vários Mpetheni colocados nas pernas, nos ombros ou ainda segurados por outras pessoas.

Este tipo de tambor é utilizado nalgumas danças características das populações macuas, nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula e Zambézia.



O MAKWILO é um instrumento idiófono do tipo xilofone, assim como a já bastante conhecida MBILA (pl. Timbila), da Província de Inhambane.

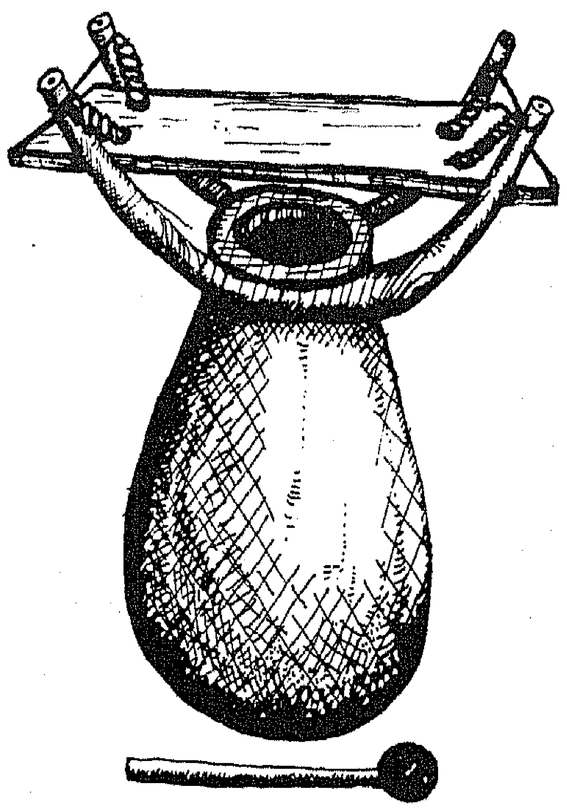
Este instrumento é composto por dois troncos de madeira (os troncos também podem ser de coqueiro ou de bananeira), sobre os quais assentam as teclas («mbira» no singular) feitas de madeiras da árvore Umbila.

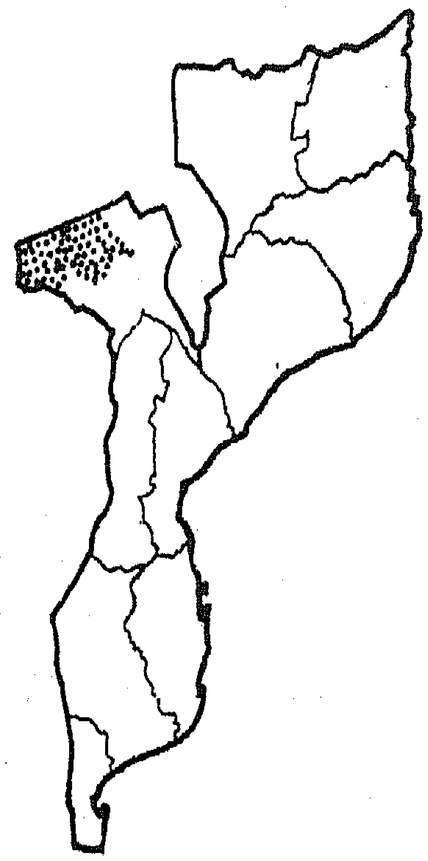
As teclas estão presas numa das pontas com pregos de madeira e o seu tamanho e espessura variam, sendo as maiores e mais grossas as que produzem notas mais baixas, enquanto que as menores e mais finas produzem as notas altas. Na Mambira o espaço entre as teclas e o chão, funciona como caixa de ressonância.

Este instrumento encontra-se nas províncias da Zambézia, Nampula, Niassa e Cabo Delgado. Nesta última, é conhecido pelo nome DIMBILA.

O MAKWILO é tocado por duas pessoas, que podem estar uma ao lado da outra ou frente a frente, tocando uma, as notas altas, e a outra as notas baixas. Cada tocador usa duas baquetas com borracha nas pontas, com as quais percute as teclas.

Este instrumento é normalmente tocado em conjunto com tambores e chocalhos, acompanhando canções.



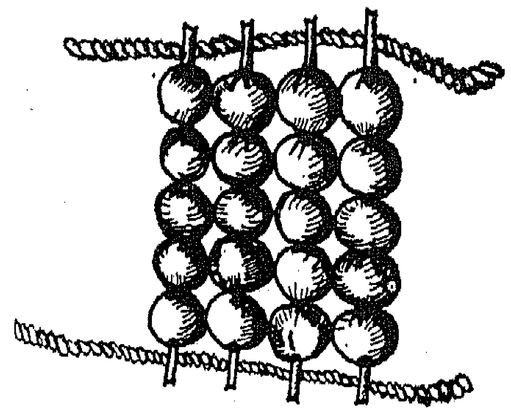


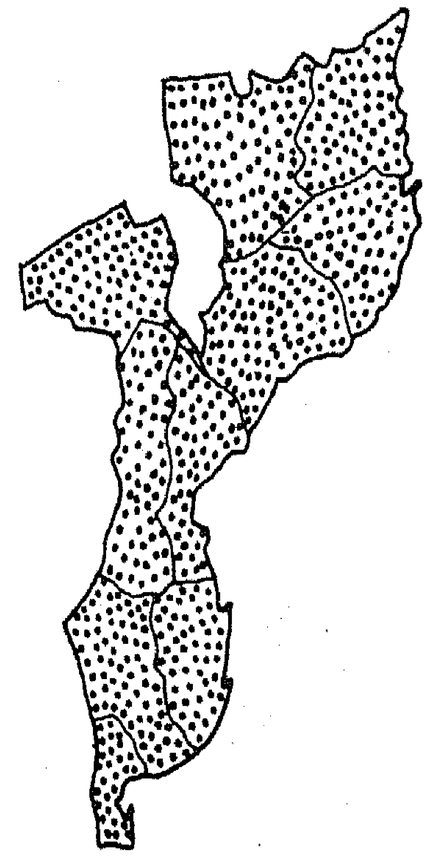
MALIMBA é um instrumento do tipo xilofone, pertecente ao grupo dos idiófonos, que são instrumentos que utilizam o seu próprio corpo como matéria ressonante.

Este instrumento musical é constituido por uma cabaça de forma oval, aberta na parte superior. Sobre esta abertura fica suspensa uma tábua de madeira, segura por cordas atadas a dois paus arqueados. Estes paus estão seguros à cabaça com cera de abelhas.

Para tocar, o músico pega numa baqueta com um anel de borracha na ponta, com que percute a única tecla de madeira, ao mesmo tempo que com a outra mão vai tapando e destapando a abertura da cabaça, para variar o som.

A Malimba existe na Província de Tete, nos Distritos do Zumbo e da Marávia. Antigamente era tocado nas cermónias preparatórias para a caça, juntamente com outras Malimbas, acompanhadas de tambores e de um coro entoado por todos os participantes. A técnica de fabrico deste instrumento era de carácter secreto e era apenas tocado por velhos de ambos os sexos.





MASSEVE é um instrumento idiófono do tipo chocalho, assim como o Gocha. Porém, enquanto este é utilizado nas mãos, o Masseve utiliza-se nas pernas.

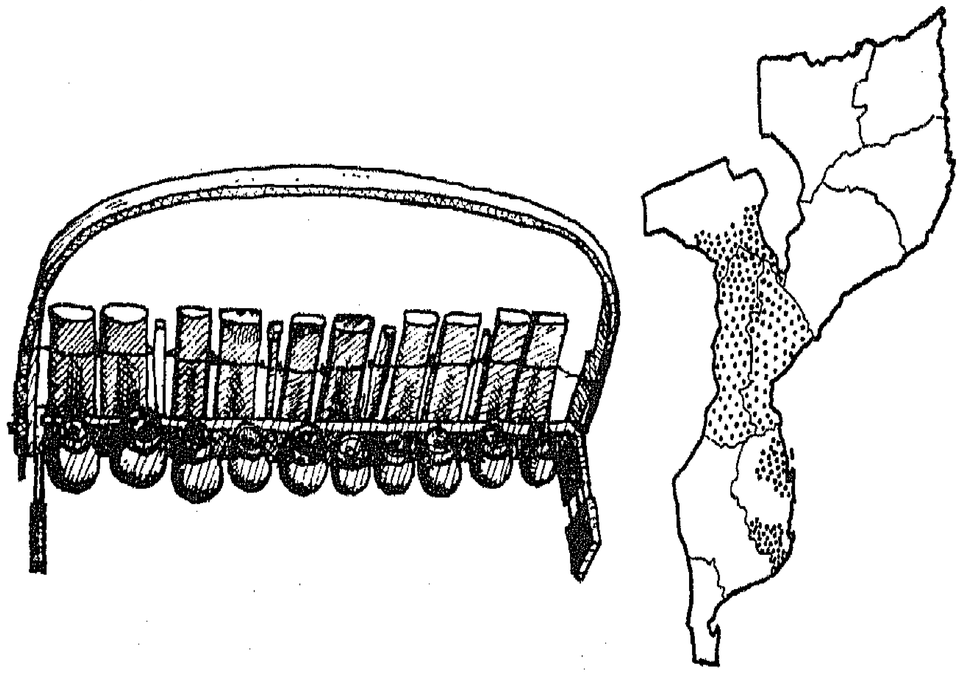
É feito de frutos pequenos, secos e oços, colocados em várias fiadas e amarradas com cordas às pernas dos dançarinos. Dentro dos frutos são colocadas pedrinhas ou sementes que o dançarino agita ao bater com os pés no chão.

Existem também chocalhos de pernas feitos de outros materiais, como, por exemplo, palha de palmeira entrelaçada.

Estes chocalhos acompanham o ritmo da dança, auxiliados por outros instrumentos musicais como tambores ou flautas.

Podemos encontrar o MASSEVE em quase todo o País, embora este não seja o único termo para designar este instrumento. Assim, em Cabo Delgado, chama-se MEVE; no Niassa, MASSEVE; na Zambézia é mais conhecido por MASSÁGUÉ; em Nampula, por MARRAZULA, MAXOXORO e também MASSEVE; em Inhambane toma o nome de CHITCHATCHATCHA ou MARONGUE.

MBILA



A MBILA é um instrumento idiófono, do tipo xilofone, muito conhecido não só em Moçambique, como em outros Países de África e na Indonésia.

Em Moçambique, temos principalmente dois tipos de xilofones de várias teclas com cabaça: a MBILA dos Chopes e a VALIMBA (ou VARIMBA) dos Senas, que possuem algumas diferenças entre si.

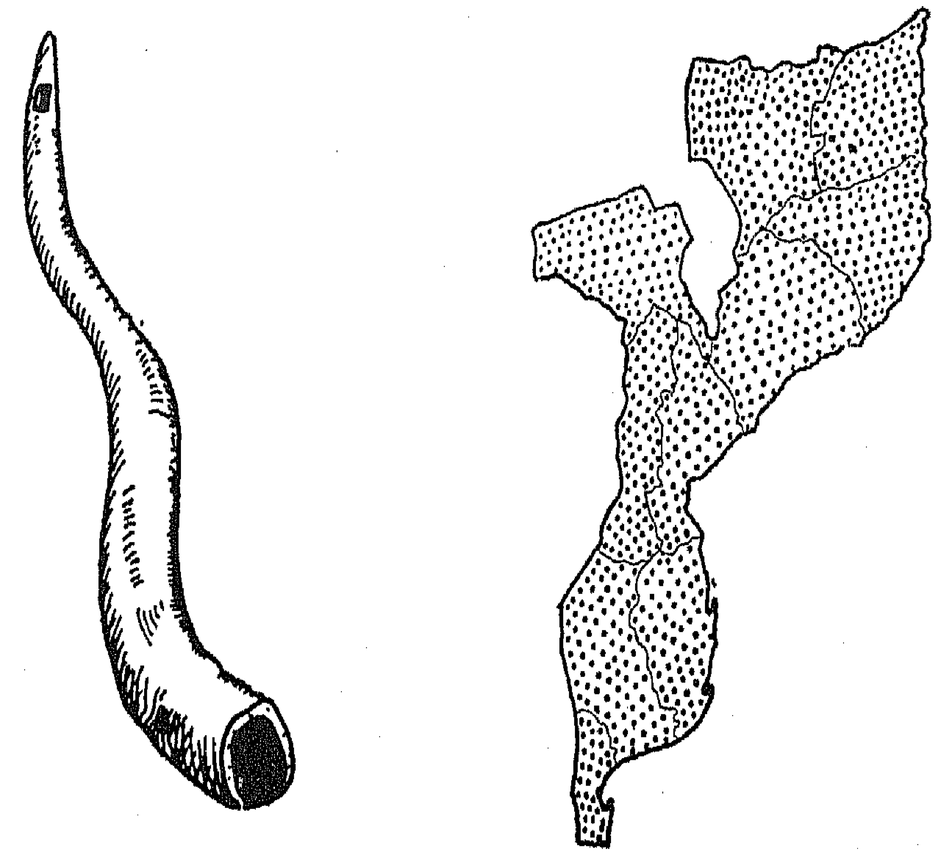
Na MBILA as teclas (Makokoma), feitas de madeira «muhendje», ficam assentes sobre uma tábua de madeira comprida, sob a qual se colocam as cabaças ou massalas, correspondendo uma a cada tecla. Esta tábua (Ditaho) possui orifícios, através dos quais o som é transmitido à caixa de ressonância. As cabaças ficam seguras por cera de abelha e possuem um outro orifício tapado com membrana de tripa de boi e protegido com um pedaço de cabaça preso à cabaça maior com cera.

Na Valimba as cabaças ficam suspensas com palha e entre as teclas e o esquadril é colocado capim, que serve de almofada.

A MBILA é tocada com duas baquetas que possuem na ponta um anel de borracha. Para formar uma orquestra de Timbila, usam-se vários tipos de MBILA, cada uma com um número variável de teclas.

Na Província de Inhambane a MBILA é bastante conhecida, sendo fabricada nos distritos de Zavala, Inharrime, Panda, Vilanculos e Homoíne. A Valimba é conhecida nas Províncias de Manica, Sofala e Tete (distritos de Changara, Moatize, Mutarara e Tete).

MPUNDU



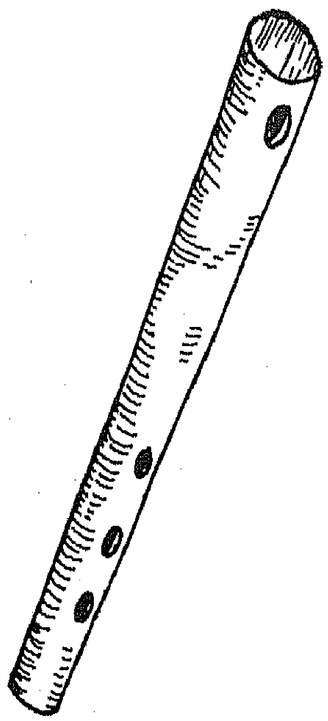
MPUNDU é um instrumento de sopro do tipo trompete, feito apenas de um chifre de animal, normalmente antílope.

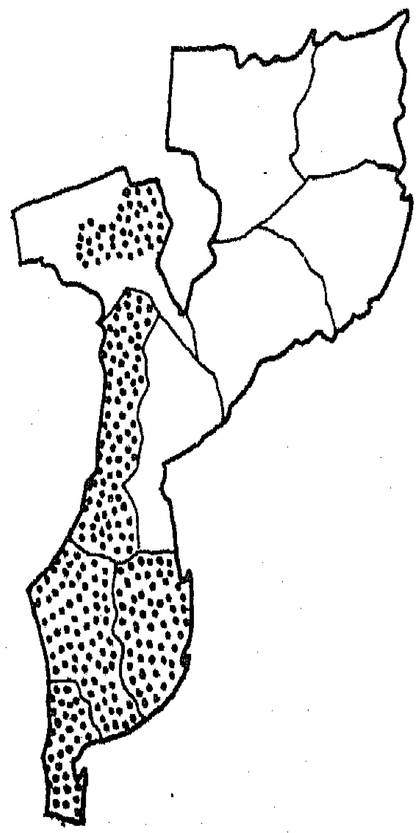
Na parte mais fina do chifre é feito um furo, onde o tocador põe a boca para soprar, enquanto que uma das mãos segura a parte mais grossa e a outra a parte mais fina. É tocado normalmente por homens, pois é necessário bastante fôlego para produzir um som forte.

Este instrumento é comum em todas as Províncias do nosso País, variando de nome de região para região. O termo MPUNDU é usual em Maputo, mas em Gaza é mais conhecido por MBALA-PALA. Em Cabo Delgado utiliza-se o termo LIPALA-PANDA e na Zambézia, PALAZA.

O MPUNDU é utilizado em muitas e variadas danças, acompanhando portanto, outros instrumentos musicais. Além disso, serve também tradicionalmente como meio de comunicação social, nomeadamente para convocar as pessoas a uma reunião.

MUTORIRO





O MUTORIRO é um instrumento aerófono do tipo flauta, em que o som é produzido através do sopro.

É constituído por uma cana de bambu fechada nas pontas e dotada de quatro orifícios, um dos quais junto à embocadura. Para variar o som o tocador tapa e destapa os três buracos, calcando-os com os dedos.

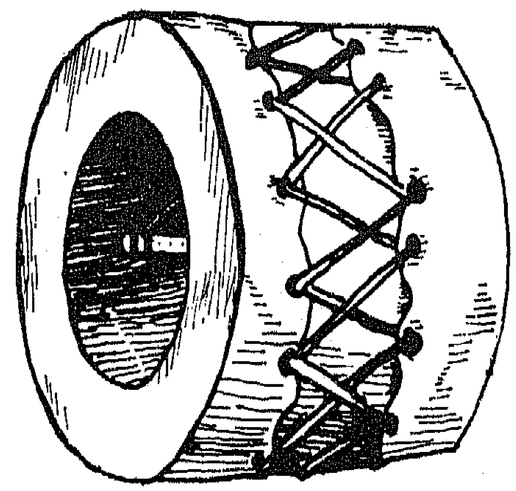
Este instrumento existe em grande número, principalmente nas zonas sul do País, onde há muita criação de gado, pois o Mutoriro é utilizado quase que exclusivamente por pastores para afastar a solidão. No entanto nalgumas zonas do norte do País, também podemos encontrar este instrumento.

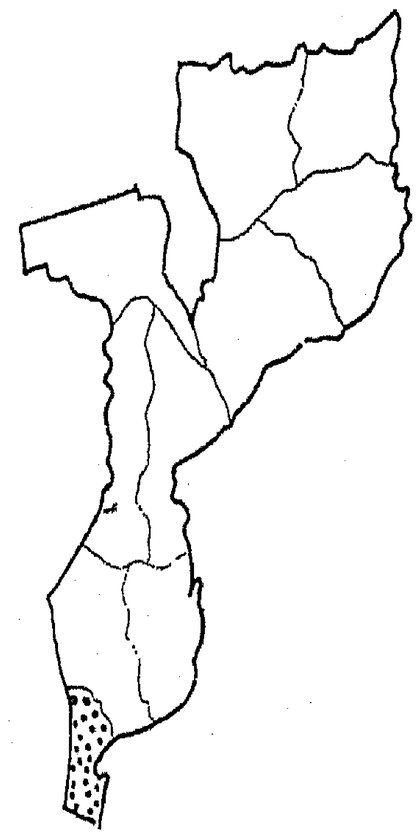
O termo Mutoriro é utilizado na Província de Manica, enquanto que em Tete, no distrito da Angónia é conhecido pelo nome de TCHITOLIRO. Noutros distritos desta última Província existe outra flauta com o nome de XINONGE, cuja única diferença é ter mais um furo.

Nas Províncias de Maputo, Gaza e Inhambane é conhecido respectivamente pelos nomes de XITIRINGO, MUSSENGUERE e GUITOLIYO.

É normalmente acompanhado de canções e eventualmente por mais flautas deste tipo.

NGULULA





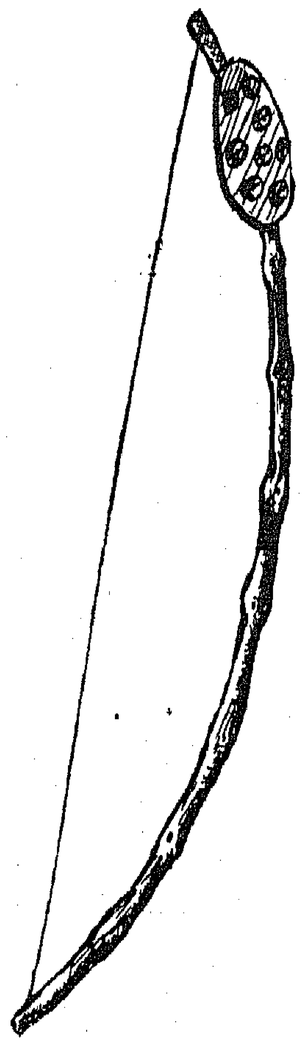
NGULULA é um instrumento com uma característica especial, isto é, o som é produzido não pelo batimento na membrana, mas pelo friccionamento de um caniço.

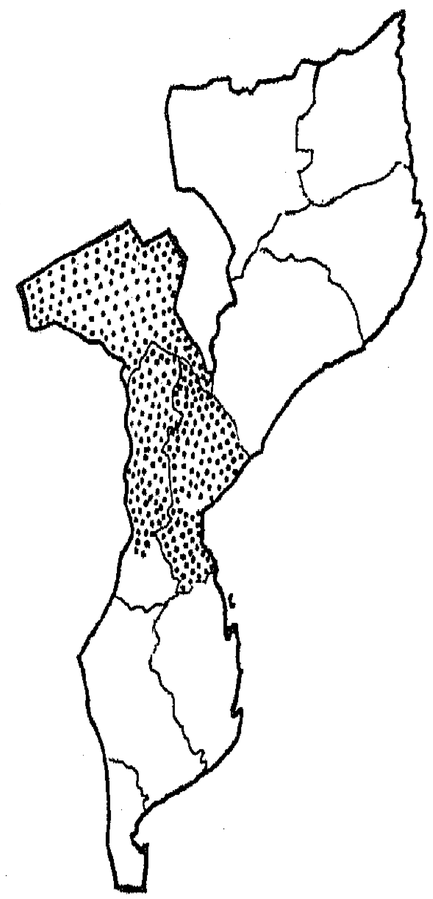
É formado por um tambor ou caixa de madeira redonda, tapado nas extremidades com pele de animal, normalmente de bovino, e cujas pontas estão ligadas ou cosidas entre si por um fio, feito da mesma pele, de modo a manter as membranas bem esticadas.

Num dos lados tem uma abertura que serve para o tocador meter as mãos, de modo a friccionar o caniço, que se encontra no interior. Este caniço está preso à outra membrana por um pauzinho que fica do lado de fora. Pode possuir ainda uma tira de borracha, que une a extremidade a membrana oposta. O som produzido é bastante forte, servindo o tambor como caixa de ressonância.

Este instrumento, embora não seja muito utilizado hoje em dia, é característico da Província de Maputo, fazendo parte dos instrumentos que acompanham a dança do Xigubo.

É também conhecido pelos nomes de KUMBULA ou CHIZINGUIRI.



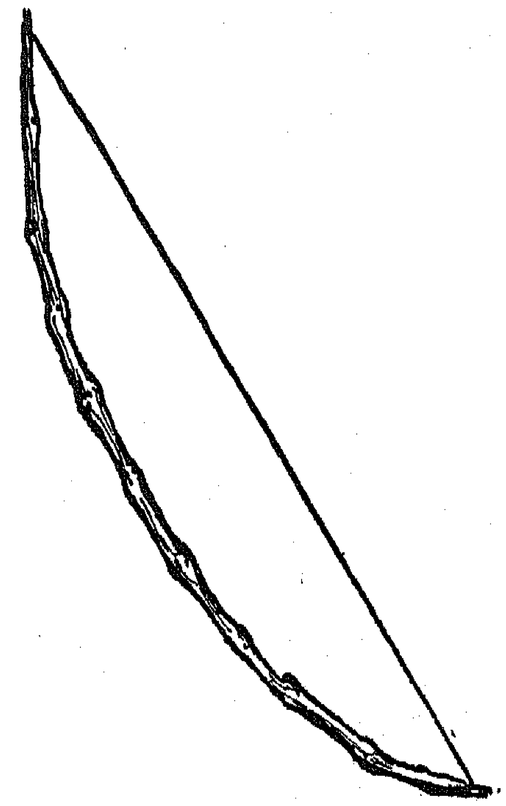


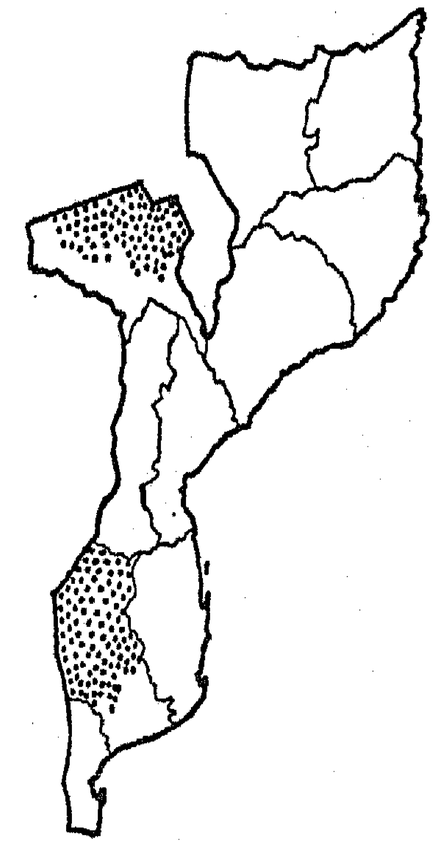
NHACATANGALI é um arco musical, pertencente ao grupo dos instrumentos cordófonos.

O arco é normalmente feito de caniço e a corda é feita de fio de sisal embora hoje em dia se utilize mais o fio de pesca. A boca do tocador, colocada numa das pontas do arco, serve de caixa de ressonância, sendo o som produzido pela percussão do fio, através dos dedos ou de uma palheta. Muitas vezes coloca-se no pau do arco parte de uma cabaça ou uma chapinha de lata, com pequenos guisos ou tampas de garrafa, que vibram ao mesmo tempo que a palheta bate na corda.

Este instrumento é bastante conhecido nas Províncias de Manica, Sofala e Tete, principalmente entre as populações de origem Sena e Ndau. O Nhacatangali é também conhecido por CHIDANGARI, CHIMADANGAR e KAMKUBO (em Tete).

A música deste intrumento é normalmente acompanhada de canções, entoadas pela voz do tocador e por um coro.





O NKANGALA, juntamente com o Chizambe, constituem os únicos arcos musicais friccionados que conhecemos até agora em Moçambique.

No Nkangala, o som é produzido por fricção de uma folha de milho sobre o fio do arco, ao contrário da maioria dos arcos musicais cujo som é obtido por percussão dos dedos ou duma palheta.

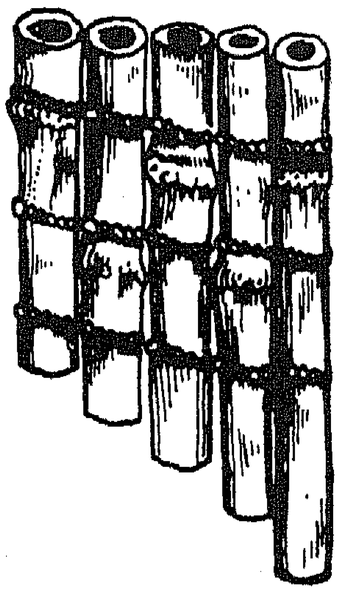
Este instrumento de corda é muito simples, sendo constituido apenas por um pau de caniço, curvado em forma de arco, e por uma corda. A boca do tocador, colocada numa das extremidades do fio, faz de caixa de ressonância.

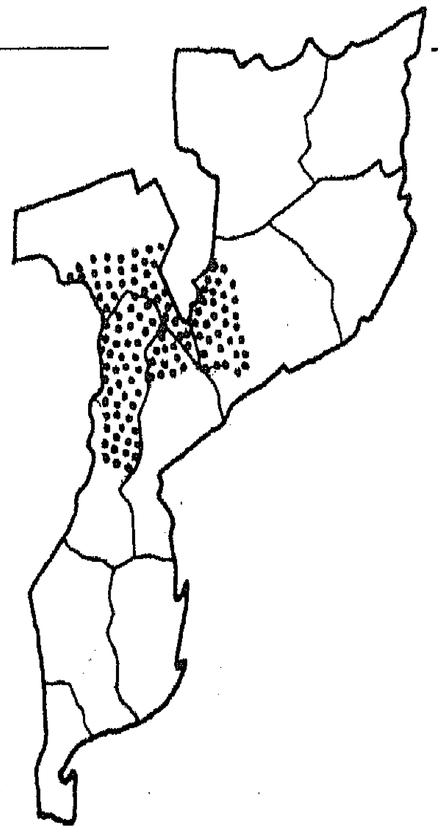
Este instrumento existe na Província de Gaza, nos distritos de Chicualacuala, Massingir e Guijá, com o nome de MUTKANGALA, e na Província de Tete, nos distritos da Angónia, Chiuta, Macanga e Marávia.

Pelo facto de ele ser também um instrumento característico dos Zulus da África do Sul e pela forma como se distribui em Moçambique, somos levados a supor que o Nkangala tenha sido introduzido no Norte da Província de Tete, aquando da invasão Ngúni do séc. XIX, o «Difequane».

Tradicionalmente, este arco é tocado apenas por mulheres e raparigas, quando vão ou regressam da machamba ou nos seus tempos livres, acompanhando-o com canções.

NYANGA





NYANGA é o nome que se dá a um instrumento musical aerófono. Isto significa que o tocador, para dele poder extrair o som, necessita de soprar através da embocadura, fazendo o ar correr pela superfície interior da cana.

Este instrumento musical é constituido por um conjunto de tubos (de cana ou de plástico) que estão unidos uns aos outros por uma corda feita de folha de palmeira. Pelo seu formato e observando a técnica de o tocar, incluímos o Nyanga no grupo das flautas.

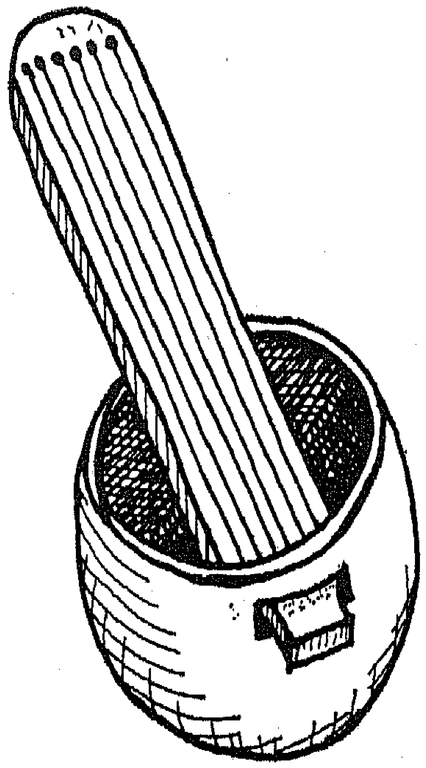
Podemos encontrar o Nyanga em alguns distritos das Províncias de Tete, Manica e Sofala. Na Zambézia, na zona de Murrumbala e Mopeia (na margem esquerda do rio Zambeze), também se pode encontrar.

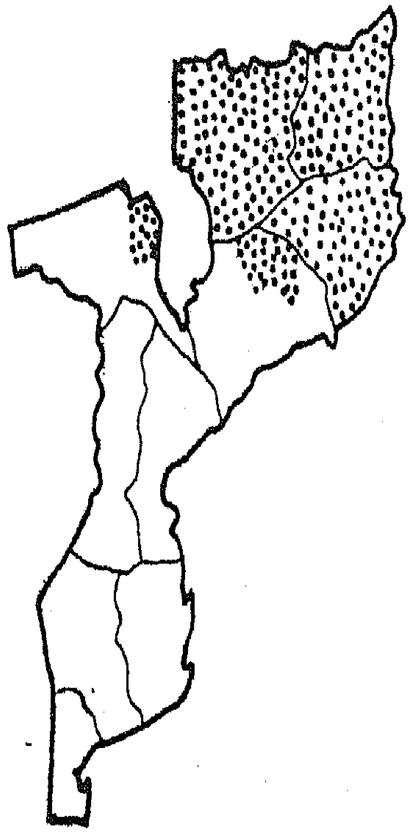
Nyanga é também o nome de uma dança antiga, na qual se utilizam as flautas. Nesta dança o dançarino é a mesma pessoa que toca o instrumento. Para se dançar e tocar o NYANGA formam-se orquestras chegando por vezes a ser constituídas por cerca de 25 elementos, cada um deles emitindo uma grande variedade de sons musicais.

Os músicos são regidos por um «maestro». A organização harmónica do NYANGA permite-nos distinguir flautas agudas e graves. Cada flauta tem um nome associado às notas musicais. Isto permite uma rápida organização dos músicos.

O NYANGA era tocado e dançado antigamente em várias alturas, sobretudo nas cerimónias fúnebres.

PANKWÉ





O PANKWÉ é um instrumento que possui várias cordas ou fios dedilhados, cujo som é aumentado por uma caixa de ressonância normalmente feita de cabaça.

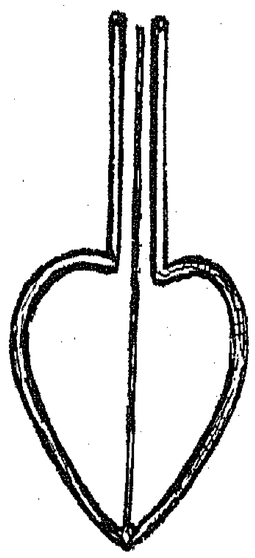
Coloca-se um fio de arame contínuo sobre uma tábua de madeira rectangular, com 6 ou 7 orifícios em cada ponta, por onde entra o fio, de modo a formar 6 ou 7 cordas. Uma das extremidades da tábua penetra numa cabaça ou então, as duas extremidades são colocadas sobre duas cabaças, ficando assim o Pankwé com duas caixas de ressonância.

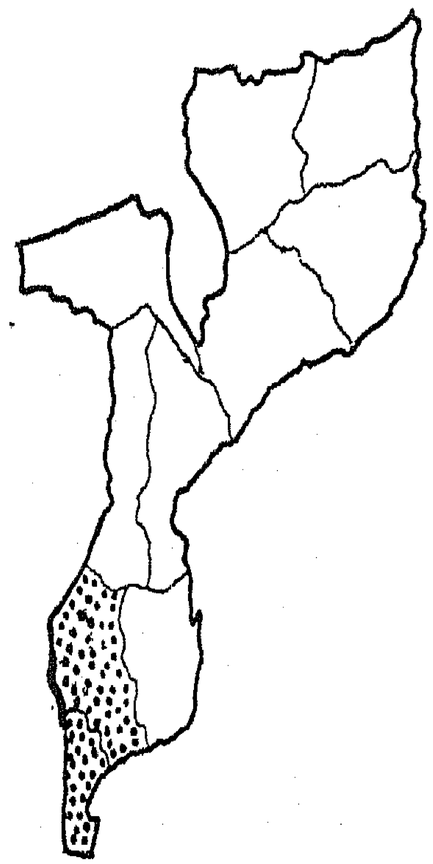
Para afinar o som das várias cordas, usam-se pequenos pedaços de madeira colocados debaixo de cada uma delas, que o tocador aproxima ou afasta dos orifícios para produzir o som desejado.

Este instrumento está principalmente disseminado entre as populações ajauas e macuas das Províncias de Niassa, Cabo Delgado, Nampula e Zambézia (distrito de Alto Molócuè e Guruè).

Em Tete, no Distrito da Angónia, existem alguns exemplares deste instrumento, que aqui toma o nome de BANGWÈ, e que para lá foram levados por populações ajauas.

O Pankwè é tocado sozinho como forma de entretenimento, sendo normalmente acompanhado pela voz do próprio tocador.



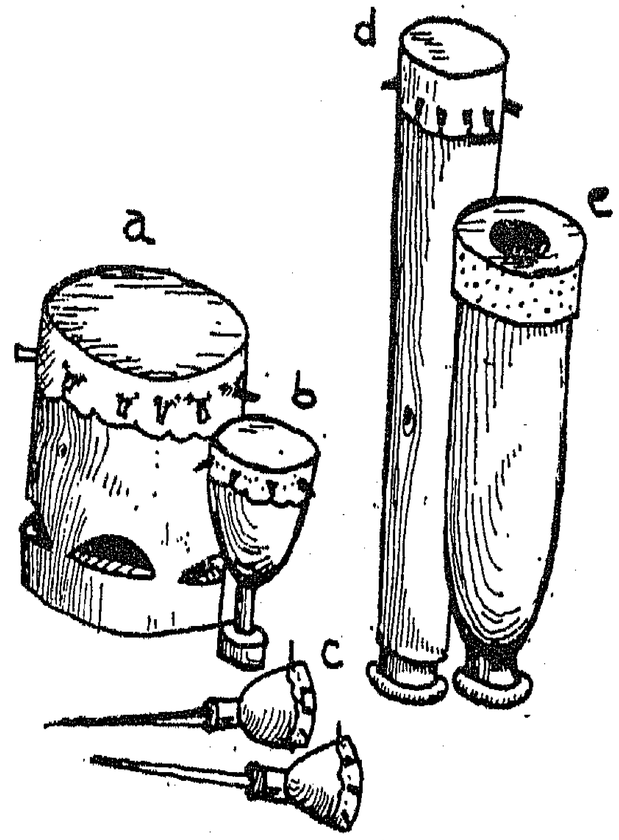


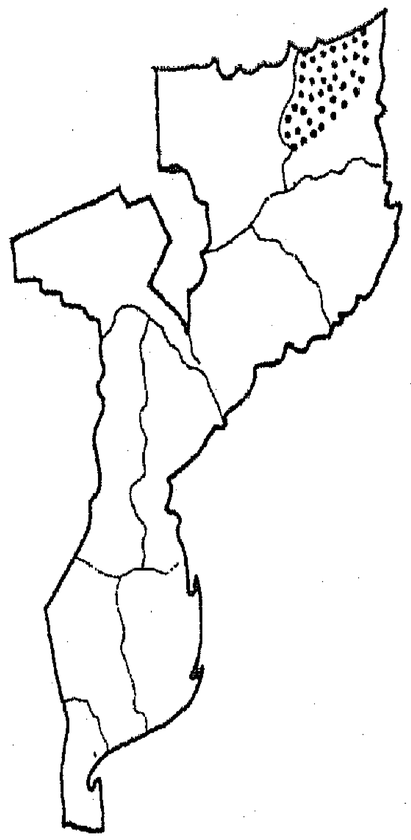
O PHIANE é um instrumento idiófono, pertecente ao subgrupo dos pianos de mão.

É composta apenas de arame e ferro, tendo aproximadamente a forma de uma chave. A parte exterior, que constitui a moldura, é feita com ferro, enquanto que a lingueta interior é feita com arame.

Para tocá-lo, segura-se o instrumento com uma das mãos e coloca-se entre os dentes servindo a boca de caixa de ressonância. Com o indicador da outra mão, dedilha-se o arame. Embora esta seja a técnica mais vulgar, também se pode utilizar a língua para fazer vibrar o arame.

Podemos encontrar este instrumento em quase todos os distritos das Províncias de Maputo e Gaza, sendo utilizado como simples forma de distracção, acompanhando canções ou outros instrumentos idênticos.





O MAPICO é uma dança originária da Província de Cabo Delgado que é acompanhada dos seguintes tambores:

a) — LIGOMA — Este tambor é feito a partir de um tronco cavado, aberto de um lado e com uma membrana de pele de animal na outra extremidade.

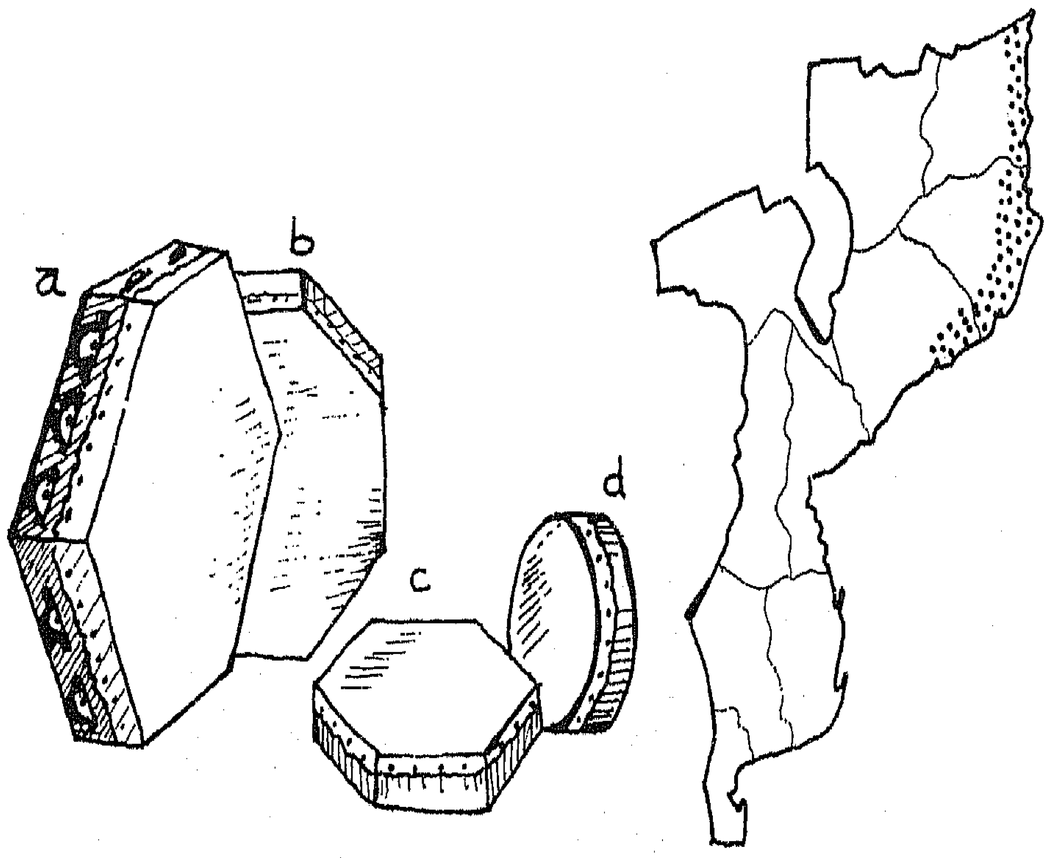
b) — LIKUTI — Este é um tambor pequeno em forma de cálice, que marca o início da dança. Inicialmente é tocado com duas baquetas compridas e seguidamente tocado com as mãos, pelo mesmo tocador do Ligoma.

c) — SINGANGA (Pl. VINGANGA). Estes tambores têm quase o mesmo formato que o Likuti, com a diferença de serem mais pequenos e com uma ponta aguçada que é espetada no chão.
Normalmente são mais de 7, tocados simultâneamente e com a mesma cadência. São batidos com duas baquetas compridas.

d) — NEYA ou NEHA — É o tambor mais alto e estreito. É tocado com as mãos e é quem orienta os Vinganga e regula a cadência de todos os outros tambores.

e) — NTOJI ou NTONHA — É o tambor que comanda os movimentos do dançarino «Lipico».

TAMBORES DO TUFO



O TUFO é uma dança vulgar nas zonas arabizadas de Moçambique, principalmente ao longo da costa.

O nome genérico dos tambores unimembranófonos do Tufo é TAWARE. Cada um deles porém, tem um nome próprio, consoante o seu tamanho. A designação de cada Taware varia de região para região, sendo a classificação aqui dada a que é utilizada na Ilha de Moçambique.

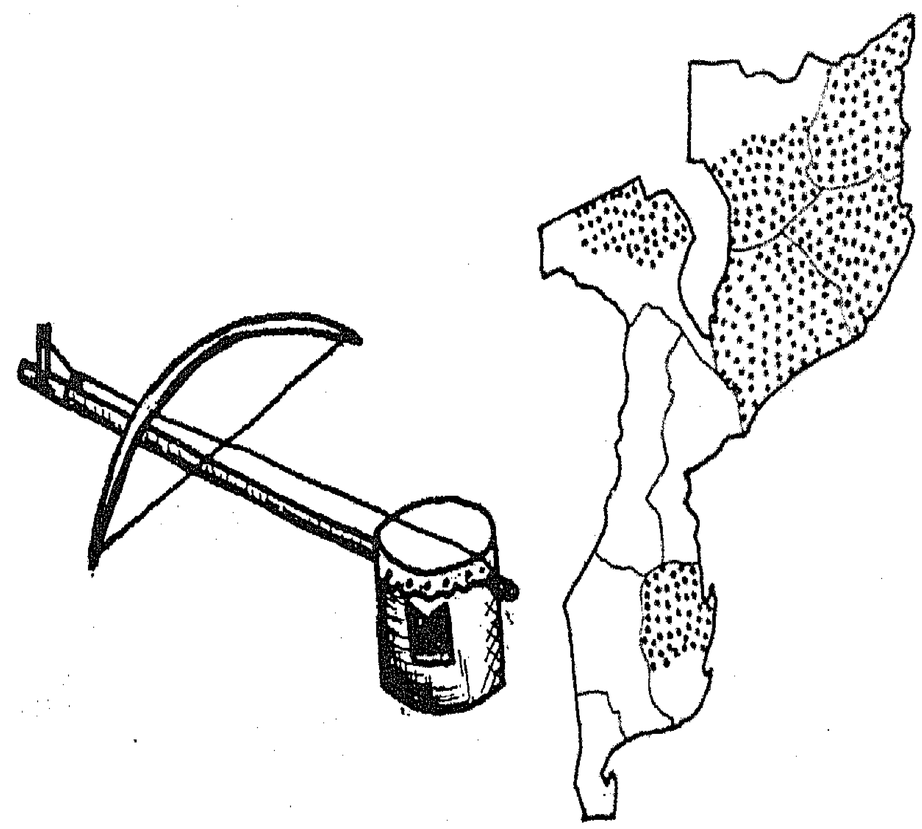
Normalmente tocam simultâneamente quatro tipos de tambores:

a) — BAZUCA — É o maior deles todos e o que produz o som mais baixo. As suas batidas são mais compassadas.
b) — NGAJIZA — É o tambor médio.
c) — APÚSTUA ou COSTA — É ligeiramente mais pequena.
d) — DUÁSSI ou LUÁSSI — É o mais pequeno de todos e tem um batimento seguido, pois marca o ritmo da música.

Estes tambores, que podem ter uma forma quadrada, redonda, hexagonal ou hectagonal, são muito estreitos. São feitos de madeira e cobertos, apenas de um lado, com pele de antílope. Alguns destes tambores (Bazuca e Ngajiza) podem ter lateralmente, chapinhas metálicas.

Para tocar Taware, o tocador segura-o com uma mão enquanto que com a outra percute a membrana.

TCHAKARE



O TCHAKARE é um instrumento cordófono, em que a corda passa directamente por cima da caixa de ressonância, assim como acontece na viola.

Esta caixa de ressonância é normanalmente feita de madeira coberta de uma membrana de pele de lagarto (varano d'água).

O tocador segura o instrumento de modo a que a caixa fique encostada ao seu abdómen ou ao seu ombro. Com uma das mãos faz pressão sobre a corda para variar o som, ao mesmo tempo que ela é friccionada com o arco, que segura na outra mão.

A corda deste arco é feita de raiz de «murapa» embebida em resina da árvore «chakari».

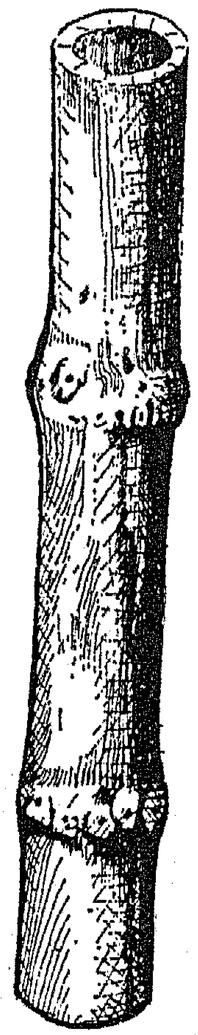
Nas Províncias de Niassa e Zambézia este instrumento é conhecido também pelo nome de SIRIBO.

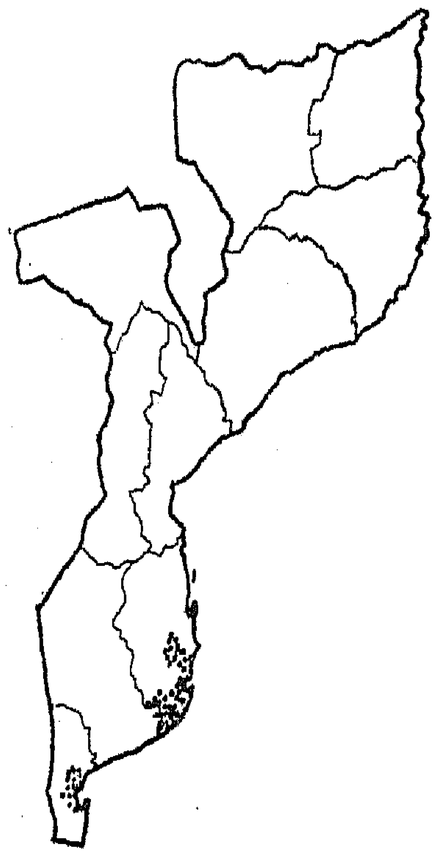
Em Nampula e Cabo Delgado, para o mesmo instrumento utilizam-se respectivamente os nomes de VIELA e KANHEMBE.

Noutras zonas do País como Tete e Inhambane existe este tipo de instrumento, embora em número mais restrito e com algumas pequenas variações. É o caso do CALIGO em Tete e do MUPSUIKIPSUIKI em Inhambane (principalmente nas zonas onde se fala o chitswa).

O TCHAKARE pode ser tocado individualmente ou então acompanhado de mais instrumentos ou canções.

TSUDI





O TSUDI é um instrumento aerófono do tipo flauta, em que o som é produzido pelo sopro do tocador.

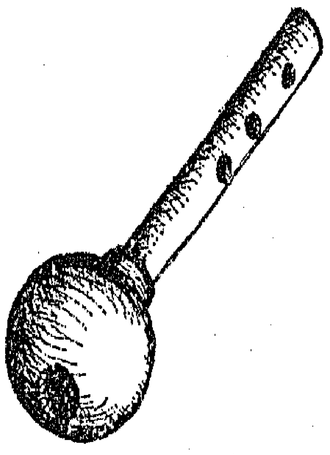
É constituido por um tubo de caniço (ou bambu) com uma abertura na parte superior onde o tocador sopra.

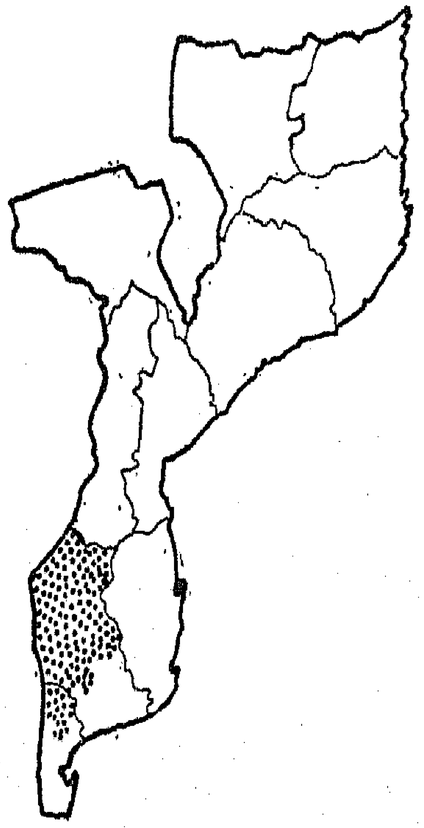
O Tsudi é tocado na dança Xinveca, dançada geralmente por jovens, normalmente em noites de luar, por ocasião de festas ou em momentos de alegria.

Nesta dança utilizam-se pelo menos seis flautas (de vários tamanhos), produzindo cada uma delas sons diferentes. Os dançarinos formam um círculo, dançando ora num sentido ora noutro. Por vezes, enquanto vão tocando a flauta, seguram na outra mão um chocalho.

Podemos encontrar o Tsudi na Província de Inhambane (nos distrito de Zavala, Inharrime, Maxixe e Morrumbene) e na Província de Maputo.

XIRUPE





O XIRUPE é um instrumento do tipo flauta podendo por isso ser classificado como um instrumento musical aerófono ou de sopro.

Compõe-se de uma cabaça (massala ou outro fruto) e de um caniço grosso contendo três frutos. A cabaça tem dois orifícios opostos sendo um deles utilizado para introduzir o caniço. Para fixar o caniço à cabaça usa-se normalmente barro, fio de «NPEJHA» ou mesmo alcatrão.

O tocador segura o Xirupe com a mão esquerda e sopra o orifício da cabaça ao mesmo tempo que com os dedos da outra mão vai tapando e destapando os furos do caniço para variar o som.

O Xirupe pode ser encontrado nas Províncias de Gaza (onde tem o nome de XIROPI) e de Maputo (sendo conhecido no Distrito de Magude por TONGUANE).

Normalmente utilizado pelos pastores, também é tocado para simples divertimento. É tocado individualmente, não sendo acompanhado de outros instrumentos ou canções.